



BOLETIM INFORMATIVO DO LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA

Universidade Estadual de Londrina - Departamento de História

Ano 3 - Nº 10 - julho/1997

EDITORIAL

A publicação dos Boletins de 1997 por pouco não foi paralisada por falta de verbas. O Laboratório contava com os recursos financeiros previstos em um convênio, que já estava assinado, entre a Universidade e o MEC, conhecido como MEC/SESU. Entretanto, os recursos foram cortados unilateralmente pelo MEC sem maiores explicações até o momento.

Diante desta situação, recorremos ao reitor da Universidade Estadual de Londrina, Prof. Jackson Proença Testa, que sensibilizado pelo trabalho desenvolvido, autorizou a impressão dos Boletins do ano de 1997 com recursos da própria instituição.

A boa aceitação do Boletim pelos professores do Estado, manifestada através de inúmeras cartas, telefonemas, fax e "e-mails" foi decisiva para garantir a liberação dos recursos pelo reitor.

A falta de recursos provocou também o adiamento do II SIMPÓSIO DO LABORATÓRIO DE ENSINO para o mês de novembro. Esperamos até lá resolver este problema.

Trabalhamos bastante para que este número do Boletim agradasse aos colegas e continuamos aguardando a colaboração, comentários e sugestões de todos os professores para os próximos números

Profª Marlene Rosa Cainelli.
Coordenadora do Laboratório de Ensino
de História/UEL

NESTE NÚMERO

**PRECISAM NOSSOS ALUNOS DA
CORREÇÃO DE FLUXO?**

OS MAL-AMADOS II

**IMAGENS E PALAVRAS: Experiências
de estagiários do curso de História e o uso de
iconografia**

**O ENSINO DA HISTÓRIA ATRAVÉS
DA ARQUITETURA**

**ARTE E HISTÓRIA: Utilidade ou
Futilidade**

**O PASQUIM :
A Irreverência da juventude carioca**

**TEMPOS DE SOMBRAS:
algumas reflexões sobre o filme As Bruxas
de Salem**

**A GLOBALIZAÇÃO E O PATRIMÔNIO
HISTÓRICO**

FIQUE POR DENTRO

AGENDA

➔ **DEMOCRACIA E LIBERDADE:**
Interlocução com Marilena Chaui.

Local: Londrina/UEL/Depto História

Data: 02 a 04 outubro/97

*- São Paulo/USP- 08 a 11 de outubro/97

Maiores Informações: 043-371-4398

➔ **I Encontro Nacional de Estágios**

Local: Curitiba/UFPR

Data: 25 a 28 de agosto/97

ATENÇÃO : A data de realização do II
SIMPÓSIO DO LABORATÓRIO DE

ENSINO mudou. De 26 a 29 de agosto passou para **11 a 14 de novembro**.

PRECISAM NOSSOS ALUNOS DA CORREÇÃO DE FLUXO?

Com o objetivo de corrigir o desnível idade/série escolar a Secretaria de Estado da Educação criou o programa “Correção de Fluxo”. O projeto tem o mérito de colocar o dedo na ferida da repetência e evasão escolar.

Outro mérito do projeto está na verdadeira adequação das condições de trabalho necessárias para professores desenvolverem suas atividades: turmas de no máximo 35 alunos, hora atividade, material didático adequado.

Assim deveria ser todo o sistema escolar, para que distorções que levam a projetos como a correção de fluxo não precisassem existir.

O projeto cria algumas distorções difíceis de serem entendidas ou no mínimo contraditórias. Vejamos:

1 - Elimina a necessidade de utilização do currículo do Estado do Paraná, “garantindo” ser inadequado para a melhoria da aprendizagem, ao utilizar currículo semelhante ao do Estado de São Paulo, temático: Trabalho, cultura e Poder. Se o currículo do Paraná não é necessário por que não substituí-lo em todo ensino regular?

2 - Afirma que os métodos utilizados utilizadas pelos professores de 1º grau são ultrapassados e não garantem a qualidade de ensino.

3 - Cria o efeito “orloff”, o aluno com problemas hoje no curso regular é candidato ao fluxo amanhã. Visto que o ensino de 1º grau continuará da mesma forma.

4 - Prejudica a avaliação realizada pela Secretaria de Educação. Dois currículos pedem provas diversificadas. Ou, então os alunos da Correção de fluxo ficarão excluídos da avaliação?

Repensar o problema da repetência no ensino de 1º grau é fator urgente, porém medidas como: dependência por disciplina reprovada, reforço extra classe,

acompanhamento individual seriam menos onerosos para os cofres públicos, menos traumáticos para os alunos, relegados agora a turmas especiais, tratamento diferenciado, currículo próprio etc, etc. Porém, com certeza seriam menos vistosas nas estatísticas governamentais.

Prof.^a Marlene Rosa Cainelli
Coordenadora do Laboratório de Ensino de História e Professora de Metodologia e Prática de Ensino

OS MAL-AMADOS II

Voltemos à questão que tratamos no número anterior: é possível discutir historicamente a origem da inveja? Creio que não, mas podemos apresentar o seu aparecimento na cena política moderna.

É evidente que na Antigüidade, na Idade Média, no Antigo Regime, ela esteve presente, no entanto dependia um pouco da sorte dos homens em não ter dirigentes que tivessem no seu sangue o mau humor dos invejosos. Isto é, o trato da coisa pública ficava à mercê dos acasos da vida.

A elevação da sociedade burguesa no final do século XVIII e a sua ordem democrática liberal acabaram dando espaço também àqueles que não suportavam a idéia da diferença, ou seja, abriu-se a possibilidade do mal-amado justificar politicamente a sua conduta.

Podemos perceber tal fato observando duas figuras de destaque na Revolução Francesa: Jacques-Pierre Brissot e Jean-Paul Marat.

Amigos caríssimos antes da Revolução se tornam inimigos mortais, nos conturbados anos revolucionários. O primeiro é visto, junto com Danton, como mártir dos girondinos ou moderados, enquanto o segundo, o atraído líder dos jacobinos.

Mas antes de ficarmos nas imagens iconográficas da Revolução e seus agentes, vejamos um pouco a vida de cada um no Antigo regime.

JACQUES-PIERRE BRISSOT

Brissot foi aclamado como mártir dos girondinos, aquele que caiu sob a sanha vingativa dos jacobinos radicais. Homem ímpoluto, lutou pelos ideais da República. No entanto, acompanhando Robert Darton (1989), podemos ter um quadro um pouco menos apaixonado de nossa personagem.

Seduzido pelo mundo da Letras, sonhava em ser um *philosophe* à moda de Voltaire e Rousseau. Bateu inúmeras vezes às portas da Academia Francesa, publicou vários livros tratando de leis, filosofia e tratados, mas invariavelmente era barrado. O sonho de se tornar um Homem de Letras o levou a um endividamento constante, junto às editoras e às pessoas que confiaram no seu talento - mais falado do que demonstrado. Perseguido por credores que se viram envolvidos em negócios fraudulentos, Brissot tentou manter um jornal e um *Lycée* em Londres às custas de empréstimos - ele é *embastilhado* - preso na Bastilha.

Seguindo a trajetória obscura da documentação a seu respeito, suspeita de ter sumido pela própria intervenção de Brissot, Robert Darton consegue perceber que a sua soltura foi devida a uma intervenção de uma nobre, mas, ainda endividado, ele oferece seus préstimos à Polícia de Paris. Passa a servir como os nossos famosos “X9” ou informantes, recebendo por isso. Denunciava edições clandestinas de panfletos pornográficos ou ofensivos à monarquia e também informava a respeito de possíveis sedições.

A trajetória obscura de Brissot pré-revolucionário não explica de modo algum a sua transformação em republicano íntegro e incorruptível, como os seus biógrafos o descrevem. Porém, poderíamos explicá-la? Uma pista: “as obras pré-revolucionárias de homens como Marat, Brissot e Carra não expressam nenhum sentimento vago e ‘anti-establishment’: transpiram ódio contra os ‘aristocratas’ literários que haviam expugnado a igualitária ‘república das letras’, dela fazendo um ‘despotismo’. Foi nas profundezas do submundo intelectual que esses homens se tornaram

revolucionários: ali nasceu a determinação jacobina de exterminar a aristocracia do pensamento” (Darton, 1989: 31).

A recusa da chamada “república das letras” em aceitar homens da estirpe de Brissot acende sentimentos de ódio e inveja, pois o objeto do desejo recusa o desejante e com efeito, “nada era mais distante do sentimento de frustração do que a medida ‘objetiva’ de seus motivos: a paixão do ressentimento nunca encontra dificuldades para ‘racionalizações’ (Furet, 1989: 273).

A transformação de Brissot se deve à oportunidade aberta pela Revolução. A igualdade prometida permite a ascensão política de ressentidos como a nossa personagem, e mais ainda, permite a mutação do ressentimento em discurso político: “morte aos diferentes”, “morras aos que conseguiram alguma coisa pelo talento”, “pelo fim das diferenças”, ou seja, o discurso democrático comporta também o discurso do medíocre, do nivelamento de todos tendo como parâmetro o mau gosto, a falta de capacidade, o feio. E isso veremos melhor com Jean-Paul Marat.

Prof. Dr. André Luiz Joasilho

Professor de História Contemporânea

E-mail - alj@npd.uel.br

**IMAGENS E PALAVRAS:
Experiências de estagiários do curso de
História e o uso de iconografia.**

O período destinado a realização de estágio supervisionado, seja na fase de observação seja na regência de aulas é um momento extremamente rico de emoções várias para os estagiários, professores e supervisores diretamente envolvidos neste processo.

Expectativas diversas, ansiedade, nervosismo, dúvidas e tensões se mesclam ao elaborarem e discutirem os planos de unidade, ao planejarem as aulas, ao recortarem determinado tema, ao optarem pela utilização deste ou daquele documento a ser reconstruído com o aluno em sala de aula.

A escolha da iconografia como suporte aos temas Renascimento e Reforma foi realizada por três estagiários do 4º ano noturno (Cynthia Simioni, Robinson A. M. Sanches e Suseli C. Alves) em turmas distintas de 8º série em um colégio público da periferia de Londrina (Colégio Estadual São José).

Normalmente, a utilização de quadros renascentistas como "ilustração" ao tema é recorrente. O desafio a ser colocado foi um novo olhar para este tipo de documento, tanto para os estagiários quanto para os alunos daquelas séries.

À discussão dos temas e recortes foi sugerida a possibilidade do uso de iconografia. Aceito o desafio, em um primeiro momento elaborou-se textos, em que foram contextualizados o período de transição do medievo ao moderno (questão da modernidade). Depois utilizando-se de transparências coloridas ou de projeção direta em telão de pinturas constantes em coleções de História da Arte, via episcopio, foram apontadas as características e feitas as devidas relações do pensamento dominante de cada época.

Os detalhes, as técnicas utilizadas, os temas das obras e os autores escolhidos (que variam desde as clássicas pinturas de Boticelli às críticas sociais das gravuras de Bruegel), foram analisados e discutidos com os alunos. Para o tema Reforma foram selecionados gravuras de época (séculos XIII, XV, XVI) enfocando o desregramento da vida dos padres, a venda de indulgências, a perda de caminhos da Igreja Católica na figura de um barco soçobrando, a idéia de Lutero como demônio e um instrumento de tortura inquisitorial.

Os estagiários se viram às voltas além das leituras básicas relativa ao tema, com uma literatura mais específica de História da Arte e principalmente em como entendê-la e colocá-la didaticamente.

O resultado foi extremamente positivo tanto para os alunos quanto para os estagiários. A participação dos alunos, as relações com conteúdos discutidos anteriormente e a curiosidade foram

predominantes em sala de aula. Na avaliação feita em relação ao estágio realizado pelos alunos daquelas séries, estes se expressaram favoravelmente ao uso deste documento com frases como "(...) foi muito bom para esclarecer os textos que vocês deram", "(...) a explicação fica melhor", "Serviu para um melhor entendimento e com as gravuras os alunos se interessam mais".

O predomínio das frases como "(...) eu aprendi muito mais, dava para entender muito mais fácil." nos propõe duas questões: 1) a quebra da rotina pelas próprias circunstâncias de estágio, seja quanto ao professor, quanto aos recursos utilizados e uma reflexão quanto a necessidade do uso de outros recursos e 2) a relação da imagem com as palavras, ou seja, o documento visual trabalhado concomitantemente com documentos de época ou textos elaborados didaticamente.

O documento visual traz consigo uma carga de mensagens e conteúdos implícitos que são decodificados pela palavra, seja do documento escrito, seja pela fala do professor.

Esta palavra não é neutra ou imune de significações, pois é LAVRADA, como diria Paulo Freire, em um trabalho de colaboração, que podemos decompor em CO(conjunto) LABOR(Trabalho) AÇÃO(participação e atenção ativa), em que se cruzam falas de personagens épocas históricas distintas.

Ora se a aprendizagem pressupõe a direção "(...) pelo uso da palavra, é uma operação mental que exige que se centre ativamente a atenção sobre o assunto, subtraindo dele os aspectos que são fundamentais e que se chegue a generalização mais ampla mediante uma síntese"¹, onde o professor colocou o tema, explicou, exemplificou, corrigiu e questionou o aluno e o fez explicar(segundo Vygotsky², esses seriam os passos essenciais da mediação professor/ conhecimento/

¹ VYGOTSKY, L.S. *A formação ação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, pg 92.

² Idem. pg 84.

aluno) é possível perceber a clareza com que o entendimento de alguns aspectos dos temas abordados possam ter ocorrido, expressos nas falas, avaliações e trabalhos realizados pelos alunos.

Houve mudanças de posturas em relação a alunos e estagiários neste curto período de convivência? Espero que sim. Muito mais que ensinar, está também incluída a necessidade desensibilizar o olhar para o exercício de ler o mundo, o belo, a estética, as diversas formas que nos rodeia e as incongruências de manifestá-las com que nós hoje deparamos; buscando entender como outras pessoas de outras épocas (se) viam e (se) expressavam. Exercitar a tolerância e aceitar as divergências.

A experiência do uso da iconografia proporcionou outras questões subreptícias: 1) A necessidade de ousar, de desafiar esse desafio de tentar utilizar outros recursos e linguagens e propor outras abordagens com a segurança de que "(...) a iconografia não é a resposta para os problemas enfrentados hoje em sala de aula, mas pode, e nos facilita, meios para melhorarmos a qualidade do ensino e estimularmos a curiosidade de cada aluno(...) [retirando-o] de mero expectador para um participante ativo da aula."³

2) A grande influência do uso de diversas linguagens - canções, iconografia, literatura, documentários - pelos professores do Departamento de História em sua prática pedagógica cotidiana na construção de um novo perfil de profissional, futuros professores de História.

Abaixo relaciono algumas sugestões de leitura para o trabalho com iconografia.

1) CUMMING, Robert. *Para entender a Arte*. São Paulo: Ática, 1996.

2) GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1993.

Ana Heloísa Molina
Prof^a. de Metodologia e Prática de Ensino
de História

O ENSINO DA HISTÓRIA ATRAVÉS DA ARQUITETURA

Afinal, é possível ou não trabalhar a arquitetura como elemento que proporcione uma compreensão da história de uma cidade, mesmo tendo ela uma cara modernista, as dificuldades são muitas, mas não impossíveis, é o que mostra este artigo.

Usando Londrina como exemplo, em meu projeto de estudo o que sempre me intrigou é o seu desprezo pela sua história inicial que incluía os colonizadores, emprego este termo para diferenciar do termo "pioneiros", onde já está sedimentada e vinculada a idéia dos primeiros que chegaram e venceram, desconsiderando as levas de várias regiões do país e de certas partes do mundo.

A arquitetura de Londrina reflete isso. Na década de cinquenta, Londrina absorve, poderia assim dizer, como "oficial" a arquitetura modernista. Devido isso, há uma dificuldade de se identificar elementos arquitetônicos significativos da primeira fase de sua fundação, os primeiros vinte anos. Londrina foi fundada em 1929. Para prosseguir com a identificação dos valores culturais da cidade, houve a necessidade de entender os valores modernistas que se fincou na Londrina pós década de cinquenta. Dando sequência com o que tínhamos e com o aprofundamento do estudo deste movimento, chegou-se à conclusão que o modernismo tinha como proposta uma destruição do já estabelecido, incluindo aí o próprio passado e sugerindo uma cidade urbanisticamente e arquitetonicamente ideal ou mesmo utópica. A partir daí, o que me intrigava não me deixava mais dúvidas, era esse ponto do movimento modernista com que Londrina se identificava, a negação do passado com a intenção de se projetar para um futuro cosmopolita.

Apesar de Londrina possuir vários exemplos da arquitetura modernista (inclusive obras de Villanova Artigas, arquiteto modernista da época de renome internacional) o seu planejamento urbano, pelo menos na região central, possui um

³ Transcrito de texto elaborado pelo estagiário Robinson A. M. Sanches.

traçado ultrapassado com ruas estreitas, devido a um redimensionamento de suas vias ocorrido no seu projeto original, alteração esta feita pelos engenheiros de Londres, sede da Companhia de Terras Norte do Paraná, que não acreditavam em seu crescimento e na sua rápida evolução.

Foi realizada uma experiência com alunos da 3ª série do primeiro grau, levando-os a compreender o dinamismo, no caso modernista, de uma cidade que adaptou o modernismo, tanto à sua arquitetura, quanto à sua história e cultura como conceito.

O exemplo de Londrina, é bem ilustrativo dos problemas encontrados em uma cidade de história recente que não manteve suas primeiras construções do início de sua história, no entanto foi possível trabalhar com uma arquitetura ainda preservada e também com sua destruição.

É claro que em cidades que mantiveram a preocupação de preservar sua história através da arquitetura, o trabalho será facilitado e gratificante, na medida em que coloca ao aluno a história de sua cidade e também a sua própria, com referências próximas e concretas.

Este artigo também deixa claro que o trabalho com arquitetura no ensino de história não é privilégio apenas de cidades históricas, mas que é possível trabalhar em qualquer cidade pois todas possuem história.

Samir Demetrius Silva

Aluno do curso de história e estagiário do
Laboratório de Ensino de História

ARTE E HISTÓRIA: Utilidade ou Futilidade?

Num primeiro momento gostaria de lembrar que esta sequência de artigos "Arte como História" não tem a pretensão de invadir o campo da Arte, mas alertar os interessados a possibilidade de descartar vários preconceitos ao nos depararmos com alguma obra-de-arte. Procedimento que

deveria ser usado em todos os campos de conhecimento, principalmente a História.

Em História, o problema maior é a busca de verdades absolutas, o que além de empobrecer o discurso histórico, é impossível. Temos posse apenas de interpretações que não expressam necessariamente a verdade de um acontecimento. É o que ocorre com a Arte.

Ao utilizarmos um quadro como objeto de análise, tendemos a encará-lo como um espelho que reflete apenas a características dos períodos. Isto é fruto de uma forma de pensar que atribui utilidade a tudo.

Esta relação de "utilitarizar" a Arte pode aparentemente não ser notada. Porém ao darmos utilidade, um sentido prático, a própria arte perde sua razão de ser.

Devemos considerar que cada obra-de-arte possui seu valor intrínseco além de termos em mente que é produto de uma época. Contudo, apesar de ser fruto de um determinado período histórico, o artista não necessita a todo momento estar expressando seu tempo. Ele possui sentimentos e pensamentos inconstantes que o estão guiando na materialização de sua sensibilidade, de seu modo de ser, numa tela, madeira, argila...

No entanto isto não é considerado quando o tema é arte moderna.

A ausência de formas reais definidas parece gerar preconceitos, como por exemplo, "isto é rabisco", "meu filho de três anos também é artista". Todavia, a distorção de formas, ou ausência destas, pode ser proposital e ter seu significado e ao desconsiderarmos uma suposta intenção do autor desmerecemos seu trabalho.

Esta intenção poderia ser impactar por exemplo exagerando as formas em determinadas partes ou simplesmente despertar uma identificação por parte do público que poderia ocorrer pela harmonia de cores, pelo equilíbrio e não somente pelo provável motivo que levou o artista a pintar o quadro.

Aí está a essência, o brilho da Arte, é uma expressão humana que pode ser "entendida" univesalmente por utilizar a

comunicação não verbal- o que pode ser uma outra provável causa dos preconceitos existentes para com este campo: a questão de ser uma forma de comunicação distinta da verbal e da escrita, consideradas mais objetivas.

A artista plástica Fayga Ostrower relata em seu livro "Universos da Arte"⁴* a experiência pela qual passou a o ministrar um curso de arte para operários de uma fábrica. O importante a destacar, no nosso caso, são as dificuldades encontradas pela autora para despertar o gosto, a sensibilidade dos operários pelo estudo das artes. Estes em sua maioria, estavam preocupados mais com a sobrevivência material e com a constante busca pela utilidade das coisas, no caso o curso.

Fayga consegue contornar esta situação e partindo daquela realidade, ou seja, o espaço de trabalho na fábrica, o interesse foi despertado.

A experiência de Fayga deveria ser revivida quotidianamente por nós, no sentido de que poderíamos conhecer pelo simples ato de conhecer, para satisfação do espírito e parar de realizar somente o que atribuímos uma possível utilidade.

Afinal, será a utilidade a característica principal de nossas vidas? Poderíamos aguçar nossa curiosidade, atributo especial dos racionais, reprimir o instinto utilitarista. Temos a capacidade de pensar sobre o futuro, nossos objetivos e até de predeterminá-lo, portanto a criatividade é uma característica também humana. E porque não é empregada na Arte, na História que constituem nosso dia-a-dia? Pelo fato de estar sufocada pelas amarras, pelo curto horizonte propiciado pelo aprender o que nos é útil, ou por estabelecer utilidade ao que na realidade possui outros valores. Podíamos sim declarar: " Viva o fútil!" (no bom sentido).

Marilyn Beloni Laureano

Aluna do curso de história e estagiária do
Laboratório de Ensino de História

O PASQUIM - A Irreverência da juventude carioca.

Pasquim, jornal que fez uma geração. Nada expressou tão bem a juventude carioca quanto ele.

Malandro e genial, confeccionado com cola de sapateiro, censurado e engraçado mesmo quando editava uma página inteira assim: "Blá - blá -blá, blá - blá - blá, blá -blá - blá". O Pasquim veio com tudo e agonizou feito indigente. Noticiou, com o melhor humor, prisões e apreensões, que viraram o retrato do Brasil.

O grupo inicial dos fundadores d'O Pasquim foi Tarso de Castro, Sérgio Cabral, Prosperi, Claudius e Jaguar. Colaboraram também desde o início da produção, Martha Alencar, Sérgio Noronha, Fortuna, Moacyr Scliar, Newton Carlos, Chico Buarque, Caetano Veloso, Ferreira Gullar, Glauber Rocha, Cacá Diegues. O Pasquim foi pioneiro do deboche jornalístico, tão eficaz na crítica ao "milagre econômico", pelo qual passava o país durante o governo Médici (1969-1974) . Com seu estilo irreverente e coloquial, introduziu novas gírias e palavras; expressando modificações no comportamento dos jovens da classe média (universitários) brasileira.

Com o sucesso obtido pelo Pasquim, "consolidou-se no aparelho repressivo a tese de que o jornal era um instrumento de grupos subversivos com o objetivo de destruir a família brasileira. Essa tesedecorria naturalmente da doutrina de segurança nacional, que via a imprensa como um campo privilegiado de infiltração comunista." (KUCINSKI, p161).

Juntamente com o aumento da censura e repressão, surgem as primeiras reações da grande imprensa contra esse intruso "subversivo" no mercado publicitário. A hostilidade da grande imprensa na visão de

⁴ - OSTROWER, Fayga. Universos da Arte. 5 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996

Henfil, aumentava em proporção direta à tiragem d'O Pasquim.

A repressão gerou crises internas dentro d'O Pasquim. Os leitores tinham medo "bancas não queriam receber O Pasquim". "Em várias ocasiões, nada incomodou tanto o regime quanto o humor d'O Pasquim." (KUCINSKI, p165). Os próprios editores satirizavam a censura: "Se vocês pensam que as pressões e as ameaças podem nos intimidar, tomem nota: é verdade", "Quem é vivo sempre desaparece" e "Pasquim - um folião no velório"; insinuavam a tortura. Informavam sobre a censura prévia: "Tesoura sim, alicate não" (KUCINSKI, p165).

Jaguar definia O Pasquim como um moleque que conseguia correr na contra mão, como trombadinha ou pivete, O Pasquim teve mais possibilidade de driblar a censura do que jornais político, presos a necessidade do convencimento lógico.

Com o fim da censura no dia 24 de março de 1975, exatamente às vésperas da edição número 300, a censura prévia foi retirada d'O Pasquim. Millôr escreveu o editorial "sem censura" onde afirmava que sem censura não quer dizer com liberdade.

"Nascia uma outra fase, a do jornal politicamente calculista e promotor de campanhas políticas." (KUCINSKI, p 171) Apesar de sua tradição anarquista e de sua composição supra - partidária, O Pasquim participou, no início da década de 1980, de uma disputa política separando seus dois principais líderes, Ziraldo e Jaguar. Sendo o cenário político modificado, dissolvido o grupo histórico que o criou, com brigas internas, não havia mais sentido sua existência.

O Pasquim sobreviveu por vinte anos (1969 - 1989), deixando a sensação de que nunca mais o país seria o mesmo. O primeiro entrevistado, Ibrahim Sued, morreu. A entrevistada mais famosa, Leila Diniz, também. Flávio Rangel, Tarso de Castro, Henfil, Nelma Quadros, Fortuna estão mortos. O Pasquim morreu. Jaguar explica: "o dia-a-dia d'O Pasquim era como se fosse o do Santos Futebol Clube. Era o

Millôr, era Ziraldo, era Fortuna, era Luís Carlos Maciel, era Ivan Lessa, era Flávio Rangel, era Henfil, p.q.p... então um cara dava uma idéia, o outro botava uma coisa em cima, outro botava outra coisa e saiam coisas geniais." E continua: "eu chegava às dez das manhã, saía às três da manhã do dia seguinte, ficava no Lamas até às quatro, às cinco, voltava às oito para a redação, entregava as páginas para o motorista bêbado levar até São Paulo para rodar o jornal na editora Abril. Se não fosse assim, não é O Pasquim. Isso ainda cabe na era do computador?" (KUCINSKI, p173).

BIBLIOGRAFIA:

KUCINSKI, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários. Nos tempos da Imprensa Alternativa. São Paulo : Scritta Editorial, 1991.

Renata Covolo Lima
Aluna do curso de história e estagiária do
Laboratório de Ensino de História

TEMPOS DE SOMBRAS: algumas reflexões sobre o filme As Bruxas de Salem

O que um filme sobre um processo de bruxaria numa localidade de Massachussetts, no final do século XVII, pode contribuir para o exercício do conhecimento histórico? Esta é uma pergunta que muitos de nós fazemos, parceiros que somos da (difícil) empresa de ensinar história, ao acabarmos de assistir As Bruxas de Salem (EUA, 1996, Direção de Nicholas Hytner, com Daniel Day-Lewis, Winona Rider, Joan Allen). As peculiaridades do tema, do enredo e da história da roteirização e filmagem podem indicar-nos pontos importantes para reflexão histórica: a colonização inglesa na América do Norte, o papel da religiosidade na vida social do Ocidente cristão, a situação social da mulher nos séculos XVI, XVII e XVIII, e até a relação entre a narrativa ficcional e a histórica.

O filme em questão é a transposição para a película, da peça teatral *The Crucible* (“O Cadinho” - lugar onde as coisas se misturam, se fundem, na tradução literal), escrita em 1953, pelo dramaturgo americano Arthur Miller. Entender as contingências de criação dessa obra é fundamental para a melhor compreensão da peça e do filme nela baseado. Nessa época, os meios políticos, culturais e científicos norte-americanos estavam submetidos à “caça às bruxas anticomunista”, sanha oportunista e obscurantista do Comitê de Atividades Anti-Americanas, liderado pelo senador Joseph McCarthy, que desencadeou verdadeira perseguição a indivíduos — de preferência, os famosos de Hollywood e da Broadway — minimamente suspeitos de “simpatias comunistas”. Nos círculos intelectuais, tais acontecimentos produziram um clima de medo, pânico e mesmo de incentivo à delação, que pode ser sintetizado na definição da escritora Lillian Hellman, ela mesma perseguida pela histeria coletiva: “foi a Época Canalha”. Vale lembrar que esse assédio pretensamente anticomunista teve ativa participação do jovem político Richard Nixon e contou com a prestimosa colaboração do ator-delator Ronald Reagan, que enviava regularmente nomes de seus colegas do meio artístico em “listas negras” para o famigerado Comitê (como se vê, com tão edificantes credenciais, não surpreende que logo tenham se tornado Presidentes dos Estados Unidos...).

Miller, estupefacto com as dimensões do delírio coletivo anticomunista, procurou nos anais da história americana algo que pudesse estabelecer uma reflexão sobre o passado e o presente de seu país. Não foi difícil encontrar: o episódio da caça às bruxas na localidade de Salem, Massachussets, entre 1692 e 1693, oferecia o paralelo ideal.

Ao falar sobre a peça, o autor revela que para escrevê-la, pesquisou os processos, as audiências, os diários dos moradores da comunidade puritana de Salem. Na peça (e no filme), os personagens mantêm seus nomes e sobrenomes reais, e muitos dos diálogos e cenas tentam ser fiéis aos

registros contidos na documentação original. Apesar dessas preocupações, Miller pondera que não quis fazer um “teatro histórico”, mas desenvolver reflexões muito mais profundas, tão universais e atemporais quanto são a intolerância, a ignorância, a justiça corrupta.

Salem, assim como qualquer comunidade de colonização puritana na América Inglesa do final do século XVII, possuía em estado latente as tensões que acabaram por desencadear a “caça às bruxas”. Com efeito, a colonização da Nova Inglaterra, realizada por comunidades de protestantes ingleses que se auto-denominavam “puritanos”, foi a construção de uma comunidade sagrada, fora do alcance da perseguição da realeza britânica. Nessas comunidades, acreditava-se que eram constituídas segundo um plano divino para a redenção humana (Karnal, 1990, p.34). Assim, para os membros da primeira e segunda gerações de colonos, era corrente a idéia de que a formação de cidades e vilas relativamente prósperas, num local inicialmente hostil, era sinal de que a mão de Deus os guiava.

Os colonos europeus na América do Norte não eram exceção, nesse imbricamento entre a vida social e a vida religiosa. Na mesma época, na Europa, como demonstrou Lucien Febvre (1970), as pessoas nasciam, viviam, morriam, trabalhavam, se divertiam, amavam, odiavam, enfim, em todas as dimensões da vida, sentiam a presença de Deus. Sem Deus, a vida do homem europeu parecia perder o sentido. Por causa disso, muitos dos conflitos sociais dessa época assumiam linguagem religiosa, pois era essa uma das seivas da vida social.

A vida política e social, portanto, associavam intimamente o poder divino com o poder terreno. Radicalizando essa prática, os membros da Igreja puritana reservavam para si os cargos públicos, não no sentido “teocrático”, mas por acreditarem “ser dever do Estado apoiar a Igreja, cobrar o comparecimento aos cultos, de membros e não-membros por igual, exigir uma moralidade estrita e tudo mais que

aumentasse as possibilidades de salvação de todos os membros da comunidade (Sellers; May; McMillen, 1990, p.26)”.

Práticas sociais como essas poderiam sobreviver enquanto o espírito de “missão divina” e a memória das privações dos antepassados pudessem ser exercitados. No entanto, as gerações posteriores estavam cada vez mais preocupadas com a prosperidade mundana de seus próprios negócios, com toda as disputas, invejas e inimizades que tais situações geralmente provocam. Por sua vez, um ano antes dos acontecimentos de Salem, as autoridades inglesas visavam secularizar as comunidades da Nova Inglaterra, retirando a autoridade político-administrativa do clero puritano. As lideranças religiosas, percebendo o terreno sob seus pés desmoronar, radicalizavam as demonstrações do poder de Deus e sua intolerância. Mas a cizânia já estava plantada. Como relata um visitante de Salem, em 1668, esta comunidade se caracterizava por “relações selvagemmente facciosas entre si”, numa atmosfera de competição comercial, ácidas disputas políticas e os piores sentimentos interpessoais possíveis (Erikson, 1986, p.25).

Os acontecimentos mostrados na peça e no filme partem desse pano de fundo. No início de 1692, algumas meninas e adolescentes (contavam entre nove e vinte anos) foram flagradas à noite numa floresta, algumas nuas, dançando e cantando ao redor de uma fogueira. Na verdade, tratava-se apenas de uma simpatia, mero ritual de invocação de espíritos para satisfação de pedidos de casamento e de desejos de amores não-correspondidos, dirigido por uma escrava de Barbados, chamada Tituba. Tal cena seria esquecida se não fosse o fato de que, inexplicavelmente, as duas meninas mais jovens caíssem em um estranho coma. O fenômeno, obviamente, foi interpretado como feitiçaria. Por quê?

A imagem que as pessoas da Era Moderna possuíam a respeito da feitiçaria era algo diferente da que temos hoje em dia.

A falta de médicos e pessoas especializadas nas curas de males físicos e da alma fazia com que a população frequentemente recorresse a curandeira(o)s, parteiras, eremitas, etc. Entendia-se tais atividades como magia branca. No entanto, principalmente após a Peste Negra do século XIV, a figura da presença do Diabo entre o rebanho de Cristo tornou-se crença popular, com o devido estímulo da Igreja. Aquelas pessoas que exerciam atividades misteriosas para o entendimento comum eram rapidamente classificadas como bruxas, feiticeiras. Para as autoridades da Igreja e para a população, o Diabo escolhia preferencialmente as mulheres, para obedecer a seus desígnios. Mesmo assim, havia uma atitude ambivalente em relação a “feiticeiras”: reconhecia-se seu papel de curandeira, mas condenava-se a sua existência pela proximidade do Maligno, numa ambiguidade de atração e repulsão semelhante à aquela exercitada em relação aos judeus (Nogueira, 1996). Era a magia negra, atividade que, ao lado de rituais como o “sabá das feiticeiras”, festins orgiásticos em locais ermos como florestas e montanhas, e do sacrifício de crianças, denunciariam a presença do Demônio.

Além do poder “curativo” as feiticeiras eram procuradas com freqüência, principalmente pelas mulheres, para agirem como intermediárias em casos amorosos: paixões não correspondidas ou proibidas. Trata-se de uma longa tradição, que remonta a Idade Média. Poções, filtros, perfumes, simpatias com finalidades eróticas povoam a literatura medieval e moderna, do qual o caso de Tristão e Isolda é um dos mais conhecidos. Conhecedoras dos feitiços de encantamento e de envenenamento, dos caminhos de Eros e Tanatos, as bruxas eram percebidas como uma ameaça. As tensões religiosas dos séculos XV e XVI só fizeram por aumentar o ímpeto perseguidor da intolerância.

Embora qualquer um poderia ser suspeito de manter negócios com Satanás, as mulheres eram tradicionalmente vistas como seu alvo principal. Dotadas do poder da

maternidade, com uma sexualidade incompreendida, faziam a maioria absoluta das acusadas de consórcio diabólico. Em Salem não foi diferente. Na peça e no filme, a ação gira em torno de uma adolescente, Abigail Williams (que na vida real possuía apenas 12 anos na época), que assim como várias meninas de sua idade, tivera os pais mortos pelos índios. Abigail fazia serviços domésticos na casa de John Proctor, fazendeiro local, com quem teve um rápido caso amoroso. Com o crescimento das desconfianças da esposa de Proctor, Abigail é mandada embora, e tenta, através da magia da escrava Tituba, “reaver” seu amante e vingar-se de sua ex-patroa. Outras meninas também participavam dos rituais de simpatia amorosa, até que acontece a estranha reação das duas jovens já citadas.

As principais autoridades da cidade declaram então que o Diabo estava entre eles. Historicamente, não se sabe bem ao certo se foi por instinto de sobrevivência, por leviandade de se perceber com poder de vida e morte sobre os outros em tão tenra idade, ou por acreditar mesmo que Satanás estava ali, mas o certo é que as meninas envolvidas começaram a acusar vários membros da comunidade de Salem, em meio a transes místicos — na peça e no filme, tudo não parece mais do que fingimento e irresponsável oportunismo, principalmente de Abigail Williams.

O caos logo se instala na comunidade. Pessoas com diferenças pessoais acusam-se umas às outras de possessão demoníaca. Fazendeiros devedores acusam seus credores, e vice-versa. Gerações mais novas acusam as mais velhas, e as coisas parecem perder totalmente o controle. A desconfiança e a delação mútua atingiam toda a comunidade. A atitude dos magistrados e das autoridades religiosas contribuía em muito para esse estado das coisas, pois para fazer a “depuração” da comunidade, radicalizavam as tensões que estavam sendo lentamente urdidas ao longo dos anos. Além disso, como é característico de qualquer tribunal inquisitorial, não se procurava a verdade, não se procurava

expulsar o demônio, nem tanto atingir individualmente a vítima de sua pretensa possessão, mas sim ratificar os princípios reguladores da sociedade. *Assim, é compreensível que, à medida que caminhamos para o final do filme, os magistrados procurem extrair confissões de possessão, mesmo sabendo que o interrogado era inocente!* Com isso, preserva-se o sistema, a instituição, o poder disciplinar sobre esta e todas as outras comunidades. Esse é um dos momentos cruciais do filme, e os paralelos com tempos mais recentes são facilmente evocáveis, tal como Arthur Miller desejava. O que, afinal, possuíam em comum as audiências de Salem, os interrogatórios do Comitê de Atividades Anti-Americanas e os Processos de Moscou no tempo de Stálin? Não eram julgamento de indivíduos, eram celebrações pela sobrevivência do Grande Inimigo Interno, tenha ele o nome de Satanás, Comunismo ou Traição pequeno-burguesa. Enforcados os bruxos, marginalizados os comunistas, executados os traidores do Imperialismo, o que permanece? A bruxaria, o comunismo, o imperialismo burguês. Em outras palavras, não se visava extirpar o mal, mas mantê-lo. É em momentos como esses que a mentalidade inquisitorial, no passado ou no presente, mostra-se uma das mais notáveis fontes de poder.

O clímax do filme acontece quando John Proctor, mesmo reconhecido como inocente pelos magistrados e pela comunidade, se vê obrigado a assinar a confissão de culpa por possessão pelo Diabo. Quantos de nós não torcemos para que ele assinasse e ali terminasse toda essa agonia? Sua atitude perante aquela folha de papel permitiu resgatar a dignidade de toda a comunidade de Salém, tal como todos aqueles que em tempos posteriores se viram em situação semelhante: seu nome, que tanto preservou, que quis honrar, é o que fica para a história. Tanto quanto John Proctor, ali estava o próprio Arthur Miller, e outros mais, que se recusaram a legitimar a ignomínia, mesmo pagando alto preço por isso.

Assim, o filme em questão permite várias reflexões sobre o período encenado e sobre os tempos atuais, quando a base do roteiro foi escrita. Mais até do que isso, permite repensar o papel histórico da vivência espiritual nas relações sociais e questionar, apesar de contemporaneamente vivermos num mundo cada vez mais secular, se as forças da intolerância e da barbárie ainda podem estar bem vivas.

BIBLIOGRAFIA

- ERIKSON, Kai T. *The witches of the Salem Village*, in: ROBERTS, R. e OLSON, James (ed.). **American Experiences (1607-1877)**. Glenview, Illinois: Scott, Foresman and Company, 1986.
- KARNAL, Leandro. **Estados Unidos - Da colônia à independência**. São Paulo: Contexto, 1990.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto. **Bruxaria e História**. São Paulo: Ática, 1996.
- SELLERS, C.; MAY, H; McMILLEN, N. **Uma reavaliação da história dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

Francisco César Alves Ferraz
Professor de História Moderna e Contemporânea

A GLOBALIZAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

“Alguma coisa está fora da Ordem, fora da Nova Ordem Mundial”.

Caetano Veloso

Naqueles tempos em que Roma era o centro, do que os romanos conheciam como mundo falar latim, usar toga, andar de biga e assistir jogos no coliseu representava o avançado, para eles é claro! Hoje, Nova Iorque, inglês, jeans, GM e a liga da NBA, também o são, mas para quem?

Resistir é inútil! Assim nos resta transformarmo-nos em cidadãos dos EUA, mas este processo implica nos riscos em

destruir todos os valores culturais que nos constituíram enquanto identidade, se é que temos uma?

Como sou brasileiro, filho de caboclo com descendente de italianos, e jogador de turco, torcedor de futebol, apreciador de feijoada e “caipirinha” entendo que **resistir é preciso**. Dois franceses R. Goscinny e A. Uderzo criaram uma história em quadrinhos que recebeu a denominação de um de seus personagens chamado *Asterix*, que enfrenta os romanos com excelente estado de bom humor: “Estes romanos são uns neuróticos” é sua frase lapidar e demonstra, auxiliado por seus amigos, que é possível, preservar a identidade cultural que os torna gauleses.

Cabe-nos procurar neste outro momento de globalização dominar os instrumentos que nos dominam, enriquecermo-nos com uma cultura cosmopolita que podemos ter acesso e como Macunaímicos rearticularmos estes instrumentos, sem xenofobismo ou idolatria do forasteiro

Na era dos descartáveis, quando a globalização promove o sentimento de perda de identidade, buscando uma padronização cultural e econômica, o historiador assume papel primordial na sociedade.

Os avançados sistemas de comunicação tornaram o planeta uma aldeia global, através das infovias, TV a cabo, parabólica, FAX, computadores, celulares, INTERNET, são satélites interligando culturas, civilizações e criando um mundo sem fronteiras. No entanto, esse fenômeno não representa um aprimoramento da democracia, hoje usamos jeans, comemos no Mc Donald's, ouvimos a mesma música, consumimos a mesma literatura e buscamos falar o inglês.

A globalização também apresenta a sua face de alienação global, erguem-se as fronteiras para a comercialização de produtos, mas brasileiros não são bem vindos nos países do chamado primeiro mundo, desde que sejam turistas endinheirados. Brasileiros pobres devem ficar em seu território consumindo mercadorias representativas do avanço da humanidade: boné da NBA, chaveirinho do

Mickey e carteira do Pateta. Creio que uma das chaves deste baú, esteja na forma de como nos poderemos redimensionar estes símbolos, a polêmica está em aberto.

Devemos aproveitar o processo da globalização para melhor compreendermos outras culturas, enriquecendo-nos neste constante e dinâmico redimensionamento, mas o que compõe a nossa identidade, somos americanos de um país chamado Brasil, o que isso representa? Quais são os valores de nossa cultura? Será que podemos utilizar o termo nossa cultura?

Antes de entrarmos neste futuro, faremos um breve recorte, apresentando informações sobre o processo de término da guerra fria e início da Nova Ordem Mundial.

A guerra fria atingiu o Vietnã (1955 - 1973) antiga colônia francesa, ocupada pelos japoneses na Segunda Guerra Mundial e libertada pelo exército norte-americano e comunistas (China e aliados pró-comunistas) dividindo o país ao meio e colocando-o no palco de uma guerra sangrenta. O colossal, poderio militar norte-americano, derrotado, teve que se retirar às pressas.

A guerra fria também foi para o espaço, com a corrida espacial: satélites espiões, estações orbitais, projeto guerra nas estrelas, mapeamento dos territórios por sofisticados programas de teledetecção.

Na URSS, com Gorbachov no poder inicia-se a glasnot (liberdade de discussão e informação) e a perestroika (reestruturação social), o bloco soviético entrou em um processo de perda de coesão. Em 1989 com a eleição de Bóris Ieltsin, acentuava-se o processo vindo a se desintegrarem 1991.

O símbolo maior foi a demolição do Muro de Berlim (1989) e a reunificação das Alemanhas (1990). A rigor, era o fim da Guerra Fria. Permanece a divisão das Coreias e Cuba continua marginalizada no cenário mundial pela pressão norte-americana. O domínio hegemônico dos EUA representa a chamada *Pax Americana*, acompanhada da tendência à globalização da economia no que se conhece como: **Nova Ordem Mundial**.

A nova ordem mundial é composta por um conjunto de idéias e doutrinas que visam assegurar a liberdade individual q que acreditam no esforço individual como base do progresso sendo contra a interferência do governo na sociedade. Constituí-se em uma renovação do liberalismo, o Neoliberalismo. Assim o Estado deve interferir o mínimo possível nas atividades que se realizam na sociedade, deixando que o mercado se auto regule.

Neste processo formam-se os blocos comerciais regionais, superando os Estados Nacionais: a Comunidade Européia, o Nafta (North American Free Trade Agreement - Canadá, EUA e México), a Associação da nações do sudeste asiático (tigres asiáticos- Coreia Taiwan, Japão) e o Mercosul (Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai).

A globalização da atividade econômica é uma forma mais avançada, e complexa, da internacionalização, implicando um certo grau de integração funcional entre as atividades econômicas dispersas. O conceito se aplica portanto, à produção, distribuição e consumo de bens e de serviço, organizados a partir de uma estratégia mundial, e voltada para um **mercado mundial**.

Numa sociedade eletricamente configurada, todas as informações críticas, necessária para a manufatura e a distribuição de carros e computadores, encontra-se ao mesmo tempo disponíveis para todos. A cultura se organiza assim como um círculo elétrico: cada ponto da rede é tão central quanto outro qualquer. Neste caso, a tecnologia surge como elemento vital na passagem de uma era para outra elétrica/eletrônica.

Comunidade mundial através dos sistemas de comunicação: infovias, TV cabo, parabólica, fax, computadores, celulares, Internet, satélites interligando culturas e civilizações e criando um mundo sem fronteiras, a **aldeia global**.

Piratas de infovias, *hackers*, penetram nos computadores e misturam informações e disseminam vírus cibernéticos. Jatos cruzam o mundo diariamente também levando vírus biológico. O vírus da gripe comum, leva

cerca de seis semanas para se espalhar para o mundo todo. Constatase o surgimento na década de 80, da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e o Ébola e Margub, encontrados nas florestas da África.

Terroristas modernos realizam ataques com agentes virais e gás: Ensinamento da Verdade (seita japonesa).

No mundo a globalização da economia ultrapassa as fronteiras do estado nacional, temos a General Motors produzindo o Pontiac em diferentes partes do planeta: Japão, Coreia, Taiwan, Cingapura, Barbados, Argentina, EUA, torna-se portanto um carro global, produzido em uma **fábrica global**.

Nesta fábrica com suas novas tecnologias, automação e robotização produzem um aumento do desemprego e miséria em nível mundial. A economia quintuplicou, mas, a miséria também aumentou em estado alarmante, na África subsaariana e o sul da Ásia, 800 milhões de pessoas não tem comida suficiente e com regularidade.

Dois bilhões de pessoas, 1/3 da população mundial não tem acesso a eletricidade e no início da década de 90 Bangladesch, China, Egito, Índia, Indonésia e Nigéria juntos possuíam menos linhas telefônicas que o Canadá.

As transformações em países do primeiro mundo realizam a **biopirataria**, que ocorre pelo patenteamento genético (1.175 patentes), cada uma delas relativa a um pedaço de um ser vivo (humano ou não), foram concedidas principalmente a empresas particulares, 3/4 do total, metade delas está nas mãos de empresas japonesas, e as outras estão divididas igualmente entre os EUA e o resto do mundo (quase que só a Europa Ocidental).

Imagine uma tribo indígena registrando a patente da hóstia e da água benta, assim em cada cerimônia religiosa teria que se pagar a tribo proprietária os direitos de uso de tais elementos. Estranho não é? Vejamos multinacionais de engenharia genética americanas estão patenteando plantas que

são usadas quatro séculos por mais de trezentas tribos indígenas da Amazônia, ela se chama Oasca, estamos perdendo centenas de milhões de dólares, não temos uma lei para proteger nosso, patrimônio genético, quem detém a propriedade tem 5% sobre o total de vendas de um determinado produto o tratamento de hepatite B realizado com materiais extraídos da planta quebra-pedra já trabalhada desde os anos 80 por um laboratório público do Rio de Janeiro, ou da utilização da planta sangue de drago, com ação cicatrizante e antiviral.

Nos EUA houve um pedido de patenteamento para um tipo de mulher apelidado de pharm-woman, capaz de produzir leite rico em proteínas e outras substâncias de utilidades farmacêuticas. Bancos genéticos de ADN humanos já existem, no ano passado, os direitos de sobre um único gene útil para pesquisas sobre obesidade foram vendidos por 70 milhões de dólares.

Somente nosso patrimônio genético na Amazônia tropical possui cerca de 55 mil espécies de plantas, 428 tipos de mamíferos e 1,6 mil aves.

Com a globalização há um empobrecimento de sabores e gostos pela universalização e homogeneização de hábitos alimentares: em Nova York, Paris e São Paulo é possível o consumo dos mesmos produtos - chocolates, cervejas, biscoitos, refrigerantes, hambúrguers, cuja fabricação é controlada por três ou quatro grandes empresas.

Quanto a cultura global temos um exemplo no inglês como língua da globalização, dos negócios, relatórios, acordos, conferências mundiais, o "mundo" além de falar inglês, também usa jeans e come no McDonald's, ouve a mesma música, consome a mesma literatura, pode-se falar em alienação global, mas também pode-se falar em libertação. Poderíamos dizer que as culturas mais ricas são as mais misturadas? Acredito que se esta hipótese for verdadeira ela nos colocaria em posição de destaque no cenário mundial.

A violência tanto a de Estado quanto a privada estabelece-se, os empreendimentos extremamente lucrativos geram miséria na mesma proporção, a integração de comunicação gera excluídos da mesma, a tecnificação das relações sociais, tornam o homem estressado, angustiado, infeliz, neurotizado.

Entre o final da segunda guerra mundial e 1989 estima-se que tenham ocorrido 138 guerras, com um total de 23 milhões de mortos, estas guerras constituem-se negócios que movimentam bilhões de dólares. Os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU (EUA, Rússia, China, Inglaterra, França) fornecem 86% das armas exportadas para países em desenvolvimento, desta quantia 388 bilhões de armas foram exportadas por EUA e URSS ou Rússia

Prof. Dr. Jozimar Paes de Almeida
Professor de Teoria e Metodologia

FIQUE POR DENTRO

RESENHA

ALVES, J. A . Lindgren. **Os Direitos Humanos como tema global**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

O presente texto, observaria o austero Immanuel Kant, provoca entusiasmo no leitor. É necessário observar que Lindgren Alves tem como interlocutores Gilberto Vergne Saboia e Celso Lafer⁵, ou seja é do lugar do poder (a diplomacia brasileira) que emana *l'enthousiasme*. Impossível negar o óbvio: seja da perspectiva de Hegel ou de Kant, os avanços conceituais em relação aos Direitos Humanos - sempre repisados pelos três autores - *poderiam representar de fato um sinal de progresso moral da*

humanidade, um sentido positivo da História. A superação dos difíceis obstáculos à realização da conferência evidencia a amplitude e a legitimidade da mesma em termos globais⁶. Os principais avanços parecem residir exatamente na consagração desta superação no próprio documento, que neste sentido , é produto de seu tempo. Assim é pertinente destacar as conquistas: 1) A reafirmação da universalidade dos Direitos Humanos, com a superação do relativismo cultural (art 1 e 5). Isto é significativo devido ao número de Estados presentes à Conferência, que assinaram a Declaração Final; 2) O reconhecimento da legitimidade da preocupação internacional com a promoção e a proteção dos Direitos Humanos (art 4); 3) o reconhecimento do direito ao desenvolvimento como um direito universal, inalienável e parte integrante dos Direitos Humanos fundamentais; 4) o estabelecimento da interdependência entre democracia, desenvolvimento e o respeito aos Direitos Humanos - que aliás é a concepção básica do documento (art 8); 5) Finalmente, os trabalhos iniciais para o estabelecimento de um Tribunal Internacional para os Direitos Humanos, bem como as recomendações para a criação do Alto Comissariado; da Década dos Direitos Humanos e da ampla divulgação dos documentos que estabelecem e regulamentam os Direitos Humanos: os Pactos Internacionais e as Declarações. É pertinente ainda destacar os avanços extremamente importantes no que toca à condição de trabalhadores imigrantes, refugiados, à condição feminina e às populações indígenas. Parece residir em Hannah Arendt ⁷ - que funda a política na esperança - a fonte de tanto otimismo e entusiasmo. Há que se ressaltar, no entanto, que a avaliação dos eminentes ministros - que devem ser saudados pela erudição e pela

⁶ Ver também COMISSÃO DE GOVERNANÇA GLOBAL. **Nossa comunidade global**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

⁷ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983. ARIAS NETO, José Miguel. Hannah Arendt: política e história, um pensamento para nosso tempo. **Semina**. Revista da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, v 13, n 3, setembro, 1992, p. 164-73.

⁵ SABOIA, Gilberto V. Um improvável consenso: a Conferência Mundial de Direitos Humanos e o Brasil. In **Política Externa**. V 2, n3. Jan/Fev, 1994. LAFER, Celso. A ONU e os Direitos Humanos. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 9 , n 25, 1995.

atuação extremamente comprometida com a temática, é por demais otimista ao ponto de ofuscar o peso das forças centrífugas. Estas sim, mereceriam uma avaliação mais acurada. Neste sentido, troco o otimismo dos embaixadores brasileiros pela circunspeção dos presidentes da Comissão de Governança Global, em cujo relatório, ao contrário do que faz o ministro, há uma austera avaliação das forças centrífugas que atuam no interior do próprio sistema das Nações Unidas. Assim, o relatório faz uma avaliação mais “realista”, e apresenta um quadro de muitas dificuldades para a consolidação de uma **Comunidade Global**, que tenha por fundamento uma política baseada nos Direitos Humanos. Este ofuscar das forças centrífugas por parte do ministro Alves, faz com que suas reflexões pareçam uma profissão de fé nos Direitos Humanos como política. De uma perspectiva global, no entanto, um olhar menos superficial sobre o breve século XX não nos oferece nenhum motivo para *entusiasmo e otimismo*, ao contrário, - tomando de empréstimo as palavras de Hobsbawm (Era dos Extremos) o que nos resta, do ponto de vista da humanidade, é o sentimento de um profundo fracasso, um funeral de nossas esperanças⁸.

José Miguel Arias Neto
Professor de História da América
E-mail: miguel@sercomtel.com.br

REVISTA HISTÓRIA & ENSINO

Já está na editora pronto para ser impresso o número 03 da Revista HISTÓRIA E ENSINO, publicação anual do Laboratório de Ensino de História. Deverá ser lançada no mês de agosto. Os professores do Núcleo Regional de Educação de Londrina começarão a recebê-la a partir de setembro. Estamos providenciando também uma reimpressão do número 02 da revista que esgotou.

⁸ HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARTAZES DIDÁTICOS: A HISTÓRIA NÃO É UMA RUA DE MÃO ÚNICA

Estão à disposição dos professores interessados a coleção de cartazes didáticos sobre Memória e a cidade de Londrina e acerca de Roma Antiga, produzidos pelo Laboratório de Ensino de História.

Os professores do Núcleo de Londrina, cadastrados no Laboratório, podem emprestá-los para utilizar em sala de aula, exposições ou outras atividades.

Para emprestar entrar em contato com o Laboratório de Ensino de História pelo telefone 043-371-4186

CARTA DO PROFESSOR

“General Carneiro-PR, 05/06.97

Sirvo-me do presente para comunicar-lhes que fiquei muito contente por ter recebido o seu Boletim nº 09 de abril/97 do Laboratório de Ensino.(...) vou repassar as suas experiências aos nossos professores da área que vão auxiliá-los em suas atividades de docentes”.

Professor Alcides Rodrigues de Almeida
Dir. do Col. Estadual Pedro Araújo Neto

* _*_*

“Ortigueira, 02.06.97

Gostaria, se possível que enviassem sugestões para trabalho com música...(...) Tomei conhecimento que vocês realizam um trabalho com História e Música através do Boletim Informativo do Laboratório de Ensino de História”

.Professora Angélica Gonçalves

* _*_*

“Curitiba, 28/05/97

....acusamos o recebimento do Boletim Informativo do Laboratório(...) Este DESU tem interesse na divulgação do Boletim e do Simpósio aos Centros de Estudos Supletivos do Estado do Paraná(...) Parabenizamos V.Sa pela iniciativa tão necessária para a qualidade na educação...”

Regina Célia Alegro - Chefe do DESU

**LABORATÓRIO DE ENSINO DE
HISTÓRIA**

Ana Heloisa Molina
André Luiz Joanilho
Claudiomar dos Reis Gonçalves
Francisco César Ferraz
Gilmar Arruda
José Miguel Arias Neto
Jozimar Paes de Almeida
Maria de Fátima Cunha
Marlene R. Cainelli (Coordenadora)
William Reis Meirelles

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

**LABORATÓRIO DE ENSINO DE
HISTÓRIA/JUEL
Departamento de História.
Campus Universitário. cx. postal 6001.
c.e.p. 86051.970. Londrina -PR.
fone- 043-371-4186
fax - 043-371-4408**